

## ALGUNS ASPECTOS FONOLÓGICOS E MORFOSSINTÁTICOS DO CÓRNICO

João Bittencourt de Oliveira (UERJ/CiFEFiL/BRATHAIR)  
[joao.bittencourt@bol.com.br](mailto:joao.bittencourt@bol.com.br)

### RESUMO

O corno (Kernowek) é uma língua céltica derivada do britônico<sup>14</sup>, historicamente falada pelo povo corno, situado na Cornualha (em inglês: *Cornwall*, em latim: *Cornubia* ou *Cornuvia*), condado que fica no sudoeste de uma península da Inglaterra, Reino Unido. A língua corno continuou a florescer durante o período do corno médio (1200-1600), alcançando um pico de cerca de 39.000 falantes no século XIII, após o qual esse número começou a declinar, devido à pressão dos ingleses. Esse período nos legou grande manancial literário corno, que foi utilizado para servir de base para a reconstrução do idioma durante seu reavivamento. O mais importante é *Ordinalia*, ciclo de três peças de mistério: *Origio Mundi*, *Passio Christi* e *Resurrexio Domini*. Desse modo, dando continuidade ao estudo das línguas célticas, este trabalho se propõe a discutir o status atual do corno como uma língua minoritária na Grã-Bretanha, demonstrar e analisar seus aspectos fonológicos e morfofssintáticos, visando, sobretudo, a despertar o interesse, na comunidade acadêmica e nos estudantes de letras, por estes fascinantes estudos.

Palavras-chave: Corno. Línguas célticas. Filologia.

---

<sup>14</sup> *Britônico* (ou *britânico*): língua céltica morta falada na Grã-Bretanha central e meridional. Quando Júlio César invadiu a Grã-Bretanha em 55 a. C., ele encontrou uma nação habitada por um povo misterioso a que denominamos Celtas. Segundo o próprio César, o britânico era uma língua similar à que era falada na Gália central (cf. gaulês). Os termos em inglês "Brittonic" e "Brythonic" são convenções acadêmicas que se referem às línguas célticas da Grã-Bretanha e à língua ancestral de que se originaram, designada como *britônico comum*, em contraste com as *línguas gaélicas* ou *goidélicas* que se originaram na Irlanda. As três línguas gaélicas sobreviventes são: o irlandês (falado na Irlanda), o gaélico escocês (falado na Escócia) e o manx (falado na ilha de Man).

## 1. Considerações históricas

O cornoico (*Kernowek*), juntamente com o galês e o bretão, é uma lingual céltica outrora falada em grande parte da atual Grã-Bretanha, bem antes, portanto, da hegemonia da língua inglesa. Durante muitos séculos foi a língua da Cornualha (hoje um condado no sudoeste de uma península da Inglaterra, Reino Unido). O cornoico continuou a funcionar como uma língua de comunicação usual em partes da Cornualha até o final do século XVIII, e ainda era falado por algumas famílias no século XIX e possivelmente no século XX sobrepondo-se parcialmente ao início dos esforços de seu reavivamento. O britônico ficara isolado na Península de Devon desde o início do século XVII; inscrições ogâmicas revelam que comunidades irlandesas haviam emigrado para a Cornualha na Alta Idade Média (do século V ao século IX), mas esses colonizadores foram provavelmente logo assimilados. A área de Devon atual foi alcançada pelos Saxões em meados do século VII e ocupada no início do século VIII. Mas os britânicos parecem ter mantido, pelo menos em parte, alguma medida de autonomia, pois atribui-se a Athelstane<sup>15</sup> tê-los expulsado de Exeter por volta de 936, época em que o rio Tamar tornou-se fronteira entre o domínio saxão e celta. A Cornualha então perdeu sua independência, mas os habitantes locais não se dispersaram. Todavia, seus novos senhores estavam em toda parte no controle; de qualquer modo, os registros do *Domesday Book*<sup>16</sup> revelam que os homens que então mantinham herdades feudais na Cornualha tinham nomes ingleses. Entretanto, a província não ofereceu nenhum obstáculo natural para influenciar de fora e, não muito surpreendentemente, a fronteira linguística deslocou-se lentamente para o oeste à medida que os falantes do cornoico do leste da Cornualha mudaram seus dialetos para o inglês. Os detalhes desse movimento são obscuros, mas provavelmente teve início no final do século X e, já no século XVI, o cornoico era predominantemente falado somente no oeste da Cornualha. Andrew Boorde, em sua obra *First Boke of the Introduction of Knowledge* (1542) relata: “In Cornwall is two speeches, the one is naughty (‘bad’) Englysshe, and the other is Cornyssh speche. And

---

<sup>15</sup> *Athelstane*, *Athelstan* ou *Æpelstān* (ca. 895 – 27 de outubro de 939), também chamado de “O Glorioso”, foi rei da Inglaterra, de 924 a 939.

<sup>16</sup> *Domesday Book* (também conhecido simplesmente como *Domesday* ou *Book of Winchester*) foi o registro de um grande levantamento da Inglaterra finalizado em 1086, e executado por Guilherme I de Inglaterra. O levantamento era uma espécie de censo realizado pelos governos atualmente. Guilherme precisava de informações sobre o país que acabara de conquistar, de modo a poder administrá-lo. O manuscrito encontra-se no The National Archives, Kew, sudoeste de Londres.

there be many men and women the which cannot speake one worde of Englysshe, but all Cornyshe.<sup>17</sup> (BOORDE, *apud* LOCKWOOD, 1975, p. 53).

Depois disso, entretanto, o idioma entrou num processo rápido de declínio. Na Era Elizabetana (1558-1603), os marinheiros levaram de volta algum conhecimento do inglês, que então tornou-se amplamente conhecido naquelas partes onde a língua nativa ainda estava em uso. Aquela área, entretanto, era então muito pequena e o cornoico estava confinado a alguns distritos a oeste de Truro. Há registros de serviços religiosos sendo conduzidos em cornoico até 1678. Tudo indica que, até essa data, os últimos monoglotas do cornoico já haviam desaparecido, e os falantes remanescentes, então bilíngues, logo bandearam-se exclusivamente para o inglês. Após 1700, o cornoico já não era transmitido às novas gerações. Em 1776, não mais de quatro ou cinco pessoas idosas em Moushole, nas proximidades de Penzance, sabiam falar o cornoico.<sup>18</sup> Seus últimos sustentáculos foram as paróquias rurais situadas entre St. Ives e Land's End e ao longo da costa de Mount's Bay.

O cornoico nunca foi usado como uma língua escrita oficial. Na Idade Média, o latim e o francês eram as línguas usadas na administração, mais tarde suplantadas pelo inglês, como na própria Inglaterra. Não havia nenhum texto impresso em cornoico até o desenvolvimento do interesse acadêmico com Lhuyd<sup>19</sup> em 1707. Entretanto, os remanescentes do cornoico não devem ser desconsiderados. Salvo os nomes encontrados em diversas fontes, o antigo cornoico é atestado principalmente num manuscrito do século X que registra as alforrias de escravos cornoicos, com cerca de 200 palavras coligidas; outro manuscrito datável do ano 1100 preserva um glossário cornoico-latim de 961 termos. A língua, entretanto, só passa a ser amplamente conhecida a partir do período do cornoico médio (1200–1600), particularmente através de cinco dramas religiosos do século XV. A esses textos podem-se acrescentar uma coleção de homilias

<sup>17</sup> "Na Cornualha há duas línguas, uma é o inglês mal falado, e a outra é a língua cornoica. E há muitos homens e mulheres que não sabem falar sequer uma palavra do inglês, mas todas do cornoico".

<sup>18</sup> Segundo a tradição, a última falante do cornoico foi Dolly Pentreath falecida em 1777. (*Apud* THOMAS, 1984, p. 278).

<sup>19</sup> *Edward Lhuyd* (1660-1709): naturalista, botânico e linguista galês. Em 1707, publicou o primeiro volume da *Archaeologia Britannica: an Account of the Languages, Histories and Customs of Great Britain, from Travels through Wales, Cornwall, Bas-Bretagne, Ireland and Scotland*. Lhuyd observou a semelhança entre duas famílias de línguas célticas: o britânico (bretão, irlandês, cornoico e galês); e o goidélico (irlandês, manx e gaélico escocês).

de meados do século XVI traduzidas do inglês e um drama religioso de 1611. A língua desses últimos textos pode ser considerada como corno moderno aos quais podem-se acrescentar fragmentos de prosa e verso, além de várias frases isoladas e numerosos glossários escritos antes de a língua se tornar extinta, e, o mais valioso de todos, a ‘Gramática do corno’ de Edward Lhuyd contida em sua *Archaeologia Britannica*.

Como se pode imaginar, a língua corno sobreviveu por mais tempo entre proprietários rurais e pescadores. Nos seus últimos estágios, seja como for, o corno inevitavelmente passou a ser vista com total desprezo, como uma língua inferior, arcaica, inútil, a marca da ignorância e simplicidade. Nicholas Boson, nascido em Newlyn em 1624, relata num pequeno ensaio intitulado *Nebbaz Gerriau dro tho Carnoack* (“Algumas Palavras sobre o corno”) que sua mãe tentou impedi-lo de aprender o corno proibindo os empregados e vizinhos de conversar com ele nessa língua. Essa mãe escrupulosa, entretanto, fracassou, e Boson se tornou um dos poucos homens a escrever alguma coisa em corno moderno (LOCKWOOD, 1975: 54).

A primeira tradução da Bíblia em corno de que se tem notícia foi realizada por Thomas Boson, em 1710. Apresentamos, a seguir, uma amostra de texto bíblico do Evangelho de Mateus 6: 9-13:

**An Pader (O Pai Nosso)**

Pader Deu. En Hanou an Taz, ha Mab, han Speriz zanz.

Gen Taz es en Nefe, benegaz eu de Hanou, grua de Guelaze dose, de both bo grues en Nore, pecare ha en Nefe, ro do ny an journa ma gen nara journa, ha gae do ny gen pehazo, pecare terera ny gava an pehadurrian war a gen pedne, ha na raze gen Leua do droage, buz gen guetha ny deurt droge, rag an Geulaze te beaue, ha ul an Nearth, ha worriance, rag nevera-venitho, An delna rebo.<sup>20</sup>

## 2. *Esboço gramatical*

Com base nas obras pioneiras de Lockwood (1975), Trudgill (1984), Lewis e Pederson (1989), Sandercock (1996), O’Neil (2005) e outros, apresentaremos a seguir um esboço de alguns aspectos morfossintáticos mais relevantes do corno.

---

<sup>20</sup> BOSON, Thomas. *The Lord's Prayer (An Pader)*. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Bible\\_translations\\_into\\_Cornish](http://en.wikipedia.org/wiki/Bible_translations_into_Cornish)>. Acesso em: 08-07-2014.

A gramática do córnico compartilha com outras línguas célticas alguns traços que, embora não exclusivos, são incomuns num contexto indo-europeu. Os traços gramaticais mais estranhos aos ingleses falantes da língua são as mutações consonantais iniciais, o sintagma verbo-sujeito-objeto, preposições flexionadas, posição inicial de elementos sintáticos enfatizados, e o emprego de duas formas diferentes do verbo *bôs* “ser/estar”. Os substantivos possuem dois gêneros gramaticais: masculino e feminino, mas que não se flexionam quanto ao caso. Há uma grande variedade de terminações diferentes para indicar o plural, e alguns substantivos possuem uma terceira forma coletiva. Os verbos são conjugados quanto a tempo e modo, o que pode ser indicado pela flexão do verbo principal ou pelo emprego de verbos auxiliares.

Como em outras línguas célticas, o córnico carece de alguns verbos usualmente encontrados em outras línguas, como dever, ter, fazer, preferir etc. Essas noções se exprimem através de construções perifrásticas, geralmente com um verbo e sintagmas prepositivos.

## 2.1. Fonologia

No córnico, semelhantemente ao galês e ao bretão, o acento tônico geralmente ocorre na penúltima sílaba de palavras polissilábicas, como em *arluth* “senhor, chefe”, *marou* “morto”. As vogais são cinco, a saber: *a*, *e*, *y* (em lugar de *i* nos antigos manuscritos), *o*, *u*, posteriormente *ü* (geralmente grafada *u*, *eu* ou *uy*) aproximadamente [y(:)], como em *ügans* [ygangs] “vinte”, *tüis* [ty:s] “pessoas, povo”, cf. o galês *ugain*, *tud*. Há duas semivogais: *j* e *w*, como em *koljek* “frango, galo novo”, *war* “em, sobre” (preposição). Há seis ditongos: *aw*, *ew*, *ow*, *yw*, *ey*, *oy*., como em *naw* “nove”, *evn* “direito, correto”, *crous* “cruz”, *dyw* “duas” (feminino), *meyn* “pedra”, *moy* “mais”. Quanto à quantidade, as vogais são predominantemente breves, mas podem ser longas, sendo estas geralmente indicadas pelo acento circunflexo: *clêth* “fosso, vala”. As consoantes são as mesmas do inglês.

## 2.2. Mutações iniciais

O processo de mutação consonantal consiste na mudança de um fonema consonantal de uma palavra conforme seu ambiente morfológico ou sintático. Trata-se de um traço comum a todas as línguas célticas e

que dificulta a identificação de palavras nos dicionários (cf. irlandês, gaélico escocês, galês etc.).

O primeiro som de uma palavra em corno pode mudar conforme o contexto gramatical. Como no bretão, há três tipos de mutação em corno.

A mutação branda ocorre em substantivos, como por exemplo, após *dha* “teu”, *y* “dele”: *dha ben* “tua cabeça” (< *pen*), *y dâs* “o pai dele” (< *tâs*); após algumas preposições: *drê gew* “através de um campo” (< *kew*), *dhe vugh* “para uma vaca” (< *bugh*); após os numerais *deu* “dois” e *myl* “mil”: *deu dhên* “dois homens” (< *dên*); comumente quando masculino plural ou feminino singular após o artigo: *an wesyon* “os companheiros” (< *gwesyon*), *an vyrgh* “a filha” (< *myrgh*).

A mutação branda do mesmo modo afeta adjetivos quando acompanhados de um substantivo masculino plural ou feminino singular: *flêghes vyghan* “pequenas crianças” (< *byghan*), *mam vâs* “boa mãe” (< *mâs*); ou em comparação: *mar vrâs del* “tão grande quanto” (< *brâs*). Mudanças nas formas verbais são encontradas após diversas partículas, como relativas: *ny a wêl* “nós vemos” literalmente “nós que vemos” (< *gwêl*); interrogativas: *a glewsys?* “você ouviu?” (< *clewsys*); negativas: *ny derrys* “eu não quebrei” (< *terrys*); perfectivas: *re dhypsyn* “nós temos comido” (< *dypsyn*); depois de *pan* “quando”: *pan dhethons* “quando eles vieram” (< *dethons*).

As condições em que as mutações duras e aspiradas ocorrem são mais restritas. A mutação dura encontra-se principalmente após *ow* comumente usada com substantivos verbais: *ow tos* “vir” (< *dôs*), e em algumas outras situações, como após *mar* “se”: *mar pyth* “se foi” (< *byth*). A mutação aspirada ocorre após *try* “três”: *try fyth* “três coisas” (< *pyth*), e após *ow* “meu, minha”, *hy* “dela”, *aga* “deles”: *ow fysk* “meu peixe” (< *pysk*), *hy thylu* “sua família (dela)” (< *tylu*), *aga hês* “seu queijo (deles)” (< *kês*).

Dentre as mutações menos usuais incluem-se a mudança de *b* para *f* e *g* para *h*, como após o advérbio *yn*: *yn frâs* “grandemente”, (< *brâs*), *yn harow* “rudemente” (< *garow*); em circunstâncias análogas o *d* muda para *t*, como em *yn ta* “bem” (radical < *da*). Outras mudanças incluem *d* para *j*, como em *an jêth* “o dia” (< *dêth*) e *d* para *n*, como em *an nor* “o mundo” (< *dor*), sendo esta última um exemplo de mutação nasal, excepcional no corno, mas um traço regular no galês.

O quadro a seguir mostra, de maneira resumida, as mutações consonantais do córnico:

Radical	Branda (sonora)	Dura (surda)	Aspirada (fricativa)
<b>p</b>	<b>b</b>	-	<b>f</b>
<b>t</b>	<b>d</b>	-	<b>th</b>
<b>c, k</b>	<b>g</b>	-	<b>h</b>
<b>b</b>	<b>v</b>	<b>P</b>	
<b>d</b>	<b>dh</b>	<b>T</b>	
<b>g</b>	<i>desaparece</i>	<b>c, k</b>	
<b>m</b>	<b>v</b>		

### 2.3. Morfologia e sintaxe

O córnico é uma língua céltica da família indo-europeia que possui uma morfologia bastante flexionada, padrão sintático verbo-sujeito-objeto e dois gêneros gramaticais.

#### 2.3.1. Substantivos

O substantivo em córnico possui dois gêneros: masculino e feminino. O substantivo não se declina, mas a formação do plural é bastante complexa. Alguns substantivos formam o plural por mutação vocálica no interior da palavra, como *dans* m. “dente”, pl. *dyns*; *margh* m. “cavalo”, pl. *mergh*; *trôs* m. “pé”, pl. *treys*; *ascorn* m. “osso”, pl. *eskern*; *davas* f. “carneiro”, pl. *deves*; *edhen* f. “pássaro”, *ydbyn*. Em muitos casos, o plural se forma pelo acréscimo das desinências *-ow*, *-yow*, *-on*, *yon*, *-yn*, *-y*, *-yth*, *-eth*, *-es*, *-as*, *-s*. Exemplos: *lyver* m. “livro”, pl. *lyvrow*; *ger* m. “palavra”, pl. *gerryow*; *Yethow* m. “judeu”, pl. *Yethewon*; *map* m. “filho”, pl. *mebyon*; *hanow* m. “nome”, pl. *hynwyn*; *fenester* f. “janela”, pl. *fenestry*; *whôr* f. “irmã”, pl. *wheryth*; *gwrêk* f. “mulher”, pl. *gwrageith*; *pryf* m. “inseto”, pl. *pryves*; *cath* f. “gato”, pl. *cathas*; *doctour* m. “doutor”, pl. *doctours*; *car* m. “amigo”, pl. *kerens*; *pren* m. “árvore”, pl. *prennyer*. Inversamente, o singular às vezes se forma a partir do plural pelo acréscimo da desinência *-en*, como *logosen* f. “rato”, pl. *logas*.

Embora não existam casos, os substantivos podem estar no genitivo pela posição, como *grammer na yêth* “(a) gramática da língua”,

*myghtern nêf* “(o) rei dos céus”, *gwedhen gothvos da há drôk* “(a) árvore do conhecimento do bem e do mal”.

### 2.3.2. Adjetivos

Os adjetivos são invariáveis em gênero e número, mas quando empregados como substantivos formam o plural com a terminação *-yon*; exemplo: *boghosek* “pobre”, *an voghosogyon* “os pobres”. Na função atributiva, o adjetivo vem após o substantivo; exemplo: *benen vras* “mulher grande”.

O comparativo e o superlativo geralmente têm a mesma terminação *-a* acrescentada à forma positiva: *têk* “leal”, *tecca* “mais leal, o mais leal”. A comparação analítica também pode ocorrer: *skyansek* “sábio”, *moy skyansek* “mais sábio”, *moyha skyansek* “o mais sábio”. Alguns adjetivos são irregulares: *mâs* “bom”, *gwell* “melhor”, *gwella* “o melhor”; *drôk* “ruim”, *gwêth* “pior”, *gwêtha* “o pior”.

### 2.3.3. Numerais

Contagem: 1 *onen*, 2 *deu*, 3 *try*, 4 *peswar*, 5 *pymp*, 6 *whêgh*, 7 *seyth*, 8 *êth*, 9 *naw*, 10 *deêk*, 11 *ünnek*, 12 *deudhek*, 13 *tredhek*, 14 *peswardhek*, 15 *pympthek*, 16 *whetek*, 17 *seytek*, 18 *êtek*, 19 *nawnjek*, 20 *ügans*, 21 *onnen warn ügans*, 30 *dêk warn ügans air*, 40 *deu ügans*, 50 *hanter cans*, 60 *try ügans*, 70 *dêk há try ügans*, 80 *peswar ügans*, 90 *dêk há peswar ügans*, 100 *cans*, 1000 *myl*.

O sistema tradicional de contagem usado pelo corno é vigesimal, traço marcante das línguas célticas, conforme já visto em outros artigos de nossa autoria, que tem a base no número vinte; porém, 50 é denominado “meio-cem”. Desse modo, os números cornoicos de 11 a 19 são “x sobre quinze”; os números de 21 a 39 são “1-19 sobre vinte”, 60 é “três vinte” etc.

Os substantivos colocados imediatamente depois do numeral ficam no singular: *dêk lugh* “dez bezerras” (literalmente “dez bezerro”); há, porém, uma forma alternativa: *dêk a lughy* (literalmente “dez dos bezerras”).

Os números 2, 3 e 4 possuem formas femininas: *dyw*, *tyr*, *peder*; os números 5 e 6 possuem formas reduzidas: *pym*, *whê* (cf. galês *pum*, *chwe*).

#### 2.3.4. Artigo definido

Não há artigo indefinido. Há uma única forma de artigo definido *an*; após palavras que terminam em vogal essa forma passa a *’n*: *an tas ha ’n map* “o pai e o filho”, *dhe ’n venen* “para a mulher”.

#### 2.3.5. Pronomes

Os pronomes independentes são *my* “eu, me”; *ty* “tu, ti”; *ef* “ele, lhe, o”; *hy* “ela, lhe, a”; *ny* “nós, nos”; *why* “vós, vocês, vos”; *y* eles, elas, os, lhes”. Os pronomes são frequentemente pospostos ao verbo (posição enclítica): *ðf vy* “eu sou”, *os sy* “vós sois”, *yû ef* “ele é”. Os pronomes possessivos são *ow* “meu”, *dha* “teu (vosso)”, *y* “dele”, *hy* “dela”, *agan* “nosso”, *agas* “seu”, *aga* “deles”, donde *ow mêl* “meu mel”, *dha vêl* “vosso mel”.

Os pronomes podem ser infixados, como no caso dos possessivos quando seguem uma palavra terminada em vogal, como por exemplo, *ha* “e”: *ha ’m tâs* “e meu pai”, *ha ’th dâs* “e vosso pai”, *ha ’y dâs* “e seu pai (dele)”, *ha ’y thâs* “e seu pai (dela)”, *ha ’gan tâs* “e nosso pai”, *ha ’gas tas* “e seu pai” *ha ’ga thâs* “e se pai (deles)”. Pronomes infixados também ocorrem como objeto entre uma partícula e o verbo, como em *’m* “me”, *’th* “vos”, *’n* “o, lhe”, *’s* “a, lhe”, *’n* “nos”, *’s* “ti, lhes”; somente *’th* pode causar mutação: *Dew rê ’th fenyggo* “Deus vos abençoe” (< *benyggo*).

Os pronomes aglutinam-se com algumas preposições, exemplo *guns* “com”: *genef* “comigo”, *genes* “contigo”, *ganso* “com ele”, *gensy* “com ela”, *genen* “conosco”, *genough* “convosco”, *gansa* “com eles (ou elas)”. Outros exemplos incluem *war* “sobre”: *warnaf* “sobre nós”, *warnaf* “sobre ti”, *warnodho* “sobre ele”, *warnedhy* “sobre ela”, *warnan* “sobre nós”, *warnough* “sobre vós”, *warnedha* “sobre eles (ou elas)”.

#### 2.3.6. Verbos

Os verbos possuem quarto tempos sintéticos no indicativo (presente, imperfeito, pretérito, mais-que-perfeito) e dois no subjuntivo (pre-

sente, imperfeito). Há um particípio passivo. Não há infinitivo. A ausência do infinitivo é compensada pelo emprego de um substantivo verbal. Os tempos impessoais correspondem geralmente à passiva em inglês. Com a maioria dos verbos, o presente e o imperfeito sintéticos possuem, respectivamente, referência futura e condicional. A partícula *rê* é usada antes de uma forma no pretérito para exprimir a noção perfectiva: *rê gerys* “tenho amado”. É provável que, como no galês, a conjugação sintética era típica do estilo mais elevado, ao contrário da língua usual falada, que preferia as construções perifrásticas formadas com os diferentes tempos do verbo “ser ou estar” (*bôs*) ou especialmente o verbo “fazer” (*gwrüthhyl*) com o substantivo verbal.

A flexão sintética é bastante complexa. Há várias conjugações e um número bem expressivo de formas anômalas. Exemplifiquemos com os seguintes verbos:

2.3.6.1. Substantivo verbal: *cara* “amar”, “amando”

### **Indicativo**

Pres. sg. 1 *caraf*, 2 *keryth*, 3 *car*; pl. 1 *keryn*, 2 *kereough*, 3 *carons*; impessoal *keryr*.

Imperfeito: sg. 1 *caren*, 2 *cares*, 3 *cara*; pl. 1 *caren*, 2 *careugh*, 3 *carens*; impessoal *kerys*.

Pretérito: sg. 1 *kerys*, 2 *carses*, 3 *carsa*; pl. 1 *carsen*, 2 *carseugh*, 3 *carsens*; impessoal *caras*.

Mais-que-perfeito: sg. 1 *carse*, 2 *carse*, 3 *carsa*; pl. 1 *carsen*, 2 *carseugh*, 3 *carsens*; impessoal *carsys*.

### **Subjuntivo**

Pres. sg. 1 *kyrryf*, 2 *kyrry*, 3 *carro*; pl. *kyrryn*, 2 *kyrreugh*, 3 *carrons*; impessoal *kerrer*.

Imperfeito: sg. 1 *carren*, 2 *carres*, 3 *carra*; pl. 1 *carren*, 2 *carreugh*, 3 *carrons*; impessoal *carrer*.

## Imperativo

sg. 2 *car*, 3 *cares*; pl. 1 *keryn*, 2 *kereugh*, 3 *cares*.

Particípio: *kerys*.

Exemplos envolvendo o verbo *bôs* “ser ou estar”:

Presente habitual ou futuro: *bydhaf ow cara* literalmente “estarei a amar”.

Imperfeito: *esen ow cara* literalmente “estava a amar”

Imperfeito habitual: *bedhen ow cara* “costumava estar a amar” etc. De modo semelhante na passiva: *ôf kerys* “sou amado” etc.

As formas pessoais do verbo são geralmente precedidas nas frases afirmativas pela partícula *y*, antes de *h* (*yth* antes de vogais), como em *y caraf* “amo”, *yth ôf kerys* “sou amado”. Os pronomes podem também vir expressos, por ênfase, como em *y caraf vy* “eu amo”. Uma construção impessoal, onde o verbo permanece na terceira pessoa do singular, é comumente usada: *my a agar* “eu amo” literalmente “eu que ama”, *an benenes a gar* “as mulheres amam” literalmente “as mulheres que ama”.

Na construção pessoal, o verbo fica de um modo geral no início da frase, exceto na ordem enfática, e o sujeito no plural leva o verbo no singular: *yma na mowysy ow cusca* “as meninas estão dormindo” literalmente “está as meninas a dormir”.

A interrogativa é comumente indicada pela partícula *a*, a negativa pela *ny* (ou *nyns* antes de vogais).

### 2.3.6.2. O verbo “ser ou estar”:

Substantivo verbal: *bôs* “ser, sendo / estar, estando”

## Indicativo

Presente (formas reduzidas) sg. 1 *ôf*, 2 *ôs*, 3 *yû*; pl. 1 *ôn*, 2 *ough*, 3 *yns*; impessoal *ôr* - estas formas são encontradas quando o complemento é um substantivo ou adjetivo, (forma longa) sg. 1 *esof*, 2 *esos*, 3 *üsy*; pl. 1 *eson*, 2 *esough*, 3 *üsons*; impessoal *eder* - estas formas são encontradas com uma expressão indicando posição. Em frases afirmativas a partícula

*yth* ou *y* usualmente precede a forma verbal: *yth ôf soudor* “eu sou um soldado?”, *yth eson y'n ter* “nós estávamos em casa”. A terceira pessoa do singular *yma* e do plural *ymons*, em alguns contextos *ma*, *mons*, são frequentemente empregadas em frases afirmativas ora em substituição, ora como alternativas às formas acima.

Na formação dos tempos perifrásticos a forma breve de modo apropriado ocorre com o particípio e a forma longa com a construção envolvendo o substantivo verbal: *yth ôf gwelys* “eu sou visto”, *yth esof ow tysky Kernewek* “eu estou aprendendo córnico.” Literalmente: “eu estou a aprender do córnico”.

### 3. Considerações finais

Podemos considerar o córnico moderno como uma língua revivida bem sucedida, cujo número de falantes vem aumentando gradativamente. Desde 2002, o córnico é reconhecido oficialmente como uma língua minoritária pelo governo do Reino Unido, conforme o *European Charter for Regional or Minority Languages*.

Diversas revistas são publicadas exclusivamente em córnico: *An Gannas*, *An Gowser* e *An Garrick*. A Rádio BBC de Cornualha apresenta noticiários regulares nesse idioma. Jornais locais tais como o *Western Morning News*, frequentemente publicam artigos em córnico e outros como *The Packet*, *The West Briton* e *The Cornishman* também prestigiam o idioma. O primeiro filme totalmente falado em córnico, *Hwerow Hweg* (“Doce Amargo”), foi lançado em 2002, e desde então muitos outros filmes na mesma linha têm sido produzidos.

Em 2010, foi inaugurada uma creche bilíngue ou *Skol dy'Sadorn Kernewek* (“Escola Sabatina Córnica”), onde o grupo se reúne aos sábados no Cornwall College em Cambourne. A escola possui um programa de imersão total para todas as idades: as crianças entre 2 e 5 anos ficam numa sala e seus pais em outra. As aulas de córnico para os pais têm como foco principal a língua tal como deve ser usada com seus filhos.

Em 2014, o povo córnico foi reconhecido pelo governo britânico como uma minoria nacional, tendo assegurados seus direitos de se expressarem nessa língua, manter sua etnia e cultivar sua cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARNHART, Robert K. (Ed.). *Chambers dictionary of etymology*. Edinburgh: Chambers Harrap Publishers, 1988.
- BERGGREN, J. Lennart; JONES, Alexander. *Ptolemy's Geography: An Annotated Translation of the Theoretical Chapters*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2000.
- CÉSAR, Júlio [em latim: Caius ou Gaius Iulius Caesar]. *De Bello Gallico* ("Das Guerras na Gália"). Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/caesar/gall1.shtml>>. Acesso em: 18-11-2013.
- COLGRAVE, Bertram; MYNORS, R. A. B. (Eds.). *Bede's Ecclesiastical History of the English People*. Parallel Latin text and English translation with English notes. Oxford: Clarendon Press, 1969.
- CRYSTAL, David. *The Cambridge Encyclopedia of the English language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- D'AUTERIVE, R. *Grandsaignes*. Dictionnaire des racines des langues européennes. Paris: Larousse, 1948.
- DAUZAT, Albert. *L'Europe linguistique*. Paris: Payot, 1940.
- ELLIS, Peter Berresford. *The Cornish Language and its Literature*. London: Routledge & Kegan Paul, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Celt and Saxon*. The struggle for Britain AD 410-937. London: Constable, 1993.
- EVANS, Dewi W.; ROBERTS, Brynley F. (Eds.). *Archæologia Britannica: Texts and Translations*. Celtic Studies Publications 10, 2007.
- FRERE, Sheppard. *Britannia: A History of Roman Britain*. 3. ed. London: Routledge & Kegan Paul, 1987.
- GREGOR, D. B. *Celtic: a comparative study*. Cambridge: Oleande Press, 1980.
- GREENE, David. Celtic Languages. In: *Encyclopaedia Britannica*. Macropaedia. 15. ed. Chicago: The University of Chicago, 1976, vol. 3, p. 1064-1068.
- HAYWOOD, John. *Atlas of the Celtic world*. London: Rhames & Hudson, 2001.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

KRUTA, Venceslas. *Celtas. Histoire et dictionnaire*. Des origines à la romanisation et au christianisme. Paris: Robert Laffont, 2000.

LEWIS, Henry; PEDERSON, Holger. *A Concise Comparative Celtic Grammar*. 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989.

LOCKEWOOD, W. B. *Languages of the British Isles past and present*. London: Andre Deutsch, 1975.

MCARTHUR, Tom (Ed.). *The Oxford Companion to the English Language*. Oxford & New York: Oxford University Press, 1992.

MEILLET, Antoine. *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*. Alabama: University of Alabama Press, 1964.

MENNINGER, Karl. *Zahlwort und Ziffer: Eine Kulturgeschichte der Zahlen*. Göttingen: Vandehoeck & Ryprecht, 1957-1958.

O'NEIL, Diarmuid (Ed.). *Rebuilding the Celtic Languages: Reversing Language Shift in the Celtic Countries*. Telybont, Wales: Y Lolfa Cyf, 2005. Disponível em: <<http://books.google.co.uk/books?id=6PFckH-GBKAC&pg=PA212&dq=%22Predennek%22#PPA240,M1>>.

ONIONS, C. T. *The Oxford dictionary of English etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966.

SANDERCOCK, Graham. *A Very Brief History of the Cornish Language*. Hayle: Kesva an Tavas Kernewek, 1996.

SNYDER, Christopher Allen. *The Britons*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

TÁCITO [Publius (Gaius) Cornelius Tacitus]. *De vita et moribus Iulii Agricolae*. Charleston: BiblioLife Reproduction Series, 2009.

THOMAS, Alan R. Cornish. In: TRUDGILL, Peter (Ed.). *Language in the British Isles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 278-288.

TRUDGILL, Peter (Ed.). *Language in the British Isles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VENNEMANN, Theo. *Europa Vasconica-Europa Semitica: Trends in Linguistics. Studies and Monographs*. Edited by Patrizia Noel Aziz Hanna and Patrizia Noel. The Hague: Mouton, 2003.

WALTER, Henriette. *L'aventure des langues en occident: leur origine, leur hostoire, leur geographie*. Paris: Robert Laffont, 2000.